
O declínio da seringueira, descrito por JUNQUEIRA et al. (1986), foi atribuído a um agente infeccioso. Akiba et al. (1990) sugerem que bactérias do tipo Bartonella estão envolvidas na sua etiologia. Bactérias e protozoários nos tecidos da Hevea são relatados desde 1909, em plantas debilitadas ou vigorosas. Especula-se que o aumento da população de bactérias e protozoários é devido a alguma pré-disposição. Na Amazônia, o abandono de plantios depauperados era atribuído ao mal-das-folhas, associado à baixa fertilidade dos solos. Desde 1986, admite-se que o principal problema seja o declínio. Seleccionaram-se 2 seringais com declínio. Um considerado irrecuperável e outro com desenvolvimento insatisfatório, mas recuperável. A aplicação de corretivos, fertilizantes e defensivos propiciaram o reenfomento das plantas e, no 29 ano, incrementos superiores a 9 cm/ano na circunferência do caule, sem apresentar o declínio. As plantas sem adubação ou apenas sem K, pulverizadas, reenfolharam. Mas, a partir do 60 mês, as folhas passaram a amarelecер e a cair precocemente. Submeteram-se por-ta-enxertos com e sem declínio a diferentes tipos de adubação. As plantas só apresentaram sintomas a partir do 80 mês e com maior intensidade nas que se mostravam debilitadas. Conclui-se que o declínio da seringueira é consequência de ataques sucessivos de doenças e pragas, baixa fertilidade e limitações físicas do solo, com ação associada ou não.